



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO
ADJUNTO, DO TRABALHO E
DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Intervenção do Secretário de Estado Adjunto, do Trabalho e Formação Profissional, Miguel Cabrita, na Conferência “Capital Humano - um novo desafio na estratégia empresarial”

22 de novembro de 2019

Antes de mais, gostaria de saudar a conferência, a sua organização e todos os participantes. Não podendo estar presente por motivos de agenda, queria deixar-vos uma breve mensagem e contributo para a conferência.

Em primeiro lugar para sublinhar que vivemos hoje um ciclo positivo na nossa sociedade, na nossa economia e no mercado de trabalho.

A economia cresce acima da média europeia pela primeira vez nas últimas duas décadas; os níveis de confiança e as perspetivas de investimento continuam historicamente elevados; e os dados do emprego e desemprego do terceiro trimestre reforçam a tendência que temos vindo a construir.

Com o desemprego nos 6,1% e o emprego a aproximar-se dos 5 milhões de pessoas apesar do envelhecimento da população ativa, o principal problema do mercado de trabalho já não é hoje, como foi ainda recentemente, uma elevada taxa de desemprego.

Pelo contrário, e sendo certo que temos ainda problemas relevantes ao nível da qualidade do emprego e dos salários, o que temos hoje de perceber é quais são as grandes preocupações dos empresários.

Se estivesse entre vós, talvez a principal preocupação referida fosse, atualmente, a escassez de mão-de-obra em muitas regiões e em muitos setores. E muitas vezes não apenas a falta de pessoas, mas ainda mais das pessoas com

as competências certas para os postos de trabalho disponíveis. E para aqueles que muitas empresas desejam e projetam criar.

Em parte, este é o resultado do caminho bem sucedido, percorrido nos últimos anos, em que foi possível travar o crescimento desmesurado das taxas de desemprego e criar muito emprego. Mas, depois de anos de fortíssima emigração (incluindo de muitos jovens e de pessoas qualificadas), o atual quadro do mercado de emprego cria novas dificuldades. É verdade que hoje são muito diferentes das que existiam há ainda poucos anos, felizmente para todos, mas não deixam de ser bloqueios ao nosso crescimento.

Os desafios ligados ao chamado capital humano, seja na sua dimensão quantitativa seja na sua dimensão qualitativa, estão claramente entre os maiores desafios que enfrentamos. Precisamos de mais pessoas e de pessoas melhor preparadas. E para isso precisamos de ser capazes de atrair, formar e reter talento nas empresas e no nosso mercado de trabalho.

No que toca à dimensão quantitativa, um dos desafios é o de maximizar a capacidade do nosso mercado de trabalho.

Por um lado, precisamos de combater as perspetivas demográficas negativas, com políticas públicas de longo prazo, minorando as consequências da baixa natalidade. Mas isso não resolve o nosso problema de curto prazo.

No curto prazo, o que há a fazer é melhorar o nosso saldo migratório, que desde 2017 voltou a ser positivo.

Oferecer boas condições salariais mas também com perspetivas de estabilidade e de carreira - para os jovens e os jovens adultos não optarem por emigrar. E também para atrairmos pessoas para o nosso país. Desde logo, os que partiram, os nossos emigrantes. Os apoios do programa Regressar, coordenados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, com o qual muitas empresas já trabalham, apoios que são direcionados para os emigrantes e para os seus descendentes, são um instrumento que está disponível para essa aposta das empresas. E na região Centro há muitas pessoas fora do país que terão interesse, com o enquadramento certo, em regressar.

Por outro lado, internamente, continuar a diminuir o desemprego, a incluir os desempregados e também a integrar no mercado segmentos com menos

empregabilidade, como os trabalhadores mais velhos ou os chamados jovens NEET, é um esforço que muitas empresas já estão a fazer e que as políticas públicas apoiam e vão apoiar cada vez mais.

Mas além do desafio “quantitativo” há um desafio, estrutural, e particularmente importante: a formação profissional. O desafio da qualificação, da formação, da capacitação das pessoas.

Sejam os jovens e os desempregados na perspetiva de entrar ou regressar ao mercado de trabalho, sejam os trabalhadores das empresas para ajudar à modernização do nosso tecido empresarial em mercados que são cada vez mais competitivos.

Esta é uma prioridade central do Governo. E é uma prioridade que só pode ser aprofundada em estreita parceria com as empresas e com as associações empresariais.

A formação profissional deve estar ao serviço das empresas. Deve responder às suas necessidades; são as empresas que criam postos de trabalho, que criam riqueza. É verdade que sem empresas não há emprego; e sem trabalhadores com competências adequadas, não há empresas que sobrevivam.

Este é, aliás, um desígnio que deve ser entendido das duas partes: das empresas, para que possam fortalecer a sua presença e reforçar o investimento, mas também dos trabalhadores, para que possam garantir o seu futuro no mercado de trabalho.

Difícilmente acreditamos hoje que um curso ou uma formação concluída há décadas atrás é, por si só, uma garantia de empregabilidade para sempre. Vivemos tempos em que a evolução tecnológica e a mudança nos mercados se faz num passo acelerado, em que há pressões constantes para criar, inovar, diferenciar. Todos os dias nascem desafios novos.

Por isso, a formação profissional tem de ser, também ela, uma resposta flexível. Investir na formação profissional não pode, nunca, ser encarado como um custo - financeiro, de recursos, ou de tempo. É, tanto para as empresas como para as pessoas, e portanto para o país, não uma opção, mas uma peça essencial do futuro.

As empresas, os trabalhadores, o país - e em particular um país em que apesar de tantos progressos ainda há uma prevalência de baixas qualificações maior que nos nossos parceiros e concorrentes europeus - têm de adaptar-se à evolução das novas tecnologias, à indústria 4.0, às novas formas de trabalho. E a formação profissional, não sendo a única resposta, é uma resposta incontornável. E que tem de ser uma prática permanente nas empresas. A aprendizagem ao longo da vida não pode ser só para as pessoas, nem um lema, tem de ser uma cultura enraizada no nosso tecido empresarial - onde aliás, há já muitos bons exemplos que precisamos de generalizar.

Este desígnio é desafiante, mas é também uma oportunidade. A nossa grande oportunidade.

É por isso que o programa de Governo é claro. Estamos apostados em reforçar os meios à disposição quer do Instituto de Emprego e Formação Profissional, quer dos centros de formação dos diferentes setores. E que estamos apostados, também, em operar uma mudança de grande fôlego na formação profissional em Portugal, lançando a curto prazo um acordo de concertação sobre a formação profissional em que além de aumentar os meios queremos melhorar o sistema. Agilizá-lo. Aproximar agentes e instrumentos públicos e financeiros das empresas e dos diferentes parceiros e regiões.

Este é um desafio crítico para o nosso futuro.

Os empresários não estarão sozinhos neste caminho. As políticas públicas têm um papel determinante. E, o IEFP, é desde logo um aliado de peso. Não apenas para formar pessoas para a inserção no mercado de trabalho; não apenas para apoiar a formação de pessoas para processos de recrutamento e de investimento. Mas também para trabalhar com as empresas na requalificação dos seus quadros, através da rede de centros de formação profissional de gestão direta e de gestão participada.

Sendo que estes, de natureza setorial, se destacam pelo conhecimento profundo da realidade de setores específicos, podendo assim dar respostas concretas a problemas que são também concretos.

A qualificação é a chave do futuro do trabalho. E só o trabalho conjunto dos atores públicos e privados poderá trazer os resultados de que precisamos, reforçando a resiliência dos trabalhadores a eventuais choques do mercado de trabalho e alavancando as empresas para trajetórias de sucesso.

Todos temos um papel neste desígnio. Da nossa parte, continuaremos a trabalhar no sentido de construir uma parceria com as empresas que reforce o nosso potencial de desenvolvimento.

Para isso, precisamos de responder a estes desafios não apenas numa perspetiva macro, mas de modo próximo com os diferentes parceiros e regiões. Porque a região centro é aliás um excelente exemplo de diversidade e de necessidade de olhar a diferentes realidades.

Uma região com indicadores do mercado de emprego ainda melhores do que a média nacional (taxa de desemprego abaixo dos 5%). Mas em que por isso mesmo alguns destes desafios são ainda mais relevantes. E numa região em que coexistem realidades muito diferentes. Centros populacionais com notável dinamismo; polos universitários muito relevantes; regiões com elevada industrialização; mas também largas faixas de território que estão naquilo a que chamamos hoje a baixa densidade e com um perfil setorial muito distinto; e um tecido empresarial também muito diverso, de diferentes dimensões, e dos setores mais tradicionais aos setores de maior inovação.

É com esta riqueza, com este potencial, mas também com o imenso desafio que este quadro implica, que temos de trabalhar. Pela nossa parte, dizemos e diremos presente.

Bom trabalho